

*Fernando Henrique Cardoso*

**Relembrando o que escrevi:  
da reconquista da democracia  
aos desafios globais**

**ORGANIZAÇÃO**

*Miguel Darcy de Oliveira*

2ª EDIÇÃO



*Rio de Janeiro*  
2010

# Esquerda e política

O tema do socialismo e da democracia nunca foi enfrentado no período da ditadura porque fazer críticas às esquerdas, à luta armada, poderia ser interpretado como adesão ao regime.

O pensamento da esquerda brasileira é muito mais estatal do que democrático. A preocupação dominante é afirmar que o Estado vai fazer o desenvolvimento. Subliminarmente, o Estado é o senhor absoluto.

As pessoas custaram a ver que o mundo havia mudado. Havia uma ideia tosca de que o estatal era bom, porque do povo, e o privado ruim.

## Os mitos da oposição – II

[Opinião, 2 a 9 de abril de 1973]

As oposições vêm se aferrando a erros crassos de análise e apreciação que estão por trás das políticas propostas. Além dos mitos da estagnação econômica e do imobilismo social, persistiu depois de 1964, e especificamente depois de 1968, a ideia equivocada de que o “movimento” da sociedade brasileira ia no sentido de que a miséria frearia a riqueza, o atraso da campo bloquearia o crescimento da economia urbano-industrial, o *mare magnum* da “marginalidade urbana” consistiria em uma ameaça permanente e insuperável para o fortalecimento da ordem social. Sendo assim, decorreram princípios deduzidos de ação política que só se justificariam numa situação pré-revolucionária.

Ou seja, olhou-se um dos lados da medalha abstratamente e a partir dele, estaticamente, foi “racionalmente” deduzida toda uma estratégia e um conjunto de táticas que deram no isolamento das oposições do conjunto da sociedade.

Isso não quer dizer que em princípio as táticas postas em prática sejam equivocadas. Às vezes faz sentido o voto nulo, às vezes não; às vezes toda a votação é uma farsa, às vezes não. Mas para saber que tática é correta o MDB (ou outro agrupamento qualquer...) tem de reportar a tática proposta à análise da tendência global da sociedade brasileira.

Ora, no caso partiu-se de que, *por sua essência* (divina?), o capitalismo brasileiro não poderia avançar; pela fraqueza da sociedade civil (dos grupos sociais, dos sindicatos, das associações voluntárias, das associações profissionais) não haveria chances — como houve nas outras sociedades industriais — para que as massas urbanas se organizassem e atuassem politicamente. Logo, as transformações da sociedade brasileira deveriam vir do campo (atrasado, espoliado e marginalizado do

desenvolvimento) e dos núcleos políticos exemplares, conscientes da verdade profunda da inviabilidade do desenvolvimento.

O dinamismo da economia urbano-industrial, os efeitos da expansão da economia agrocapitalista foram postos entre parênteses, como se fossem, para as oposições, o lado pervertido da situação. Como se no âmago deles não existissem também questões a serem levantadas.

Como se os operários das fábricas, por viverem numa situação mais “adiantada” de que a dos “camponeses” pobres ou dos favelados sem emprego, estivessem de antemão contaminados pela prosperidade. Como se os profissionais liberais não tivessem, até por razões puramente ideológicas, como no caso dos magistrados e advogados, boas razões para não se alinhar com o governo. Como se

**À visão de uma economia estagnada e de uma sociedade imóvel se junta o mito da apatia política da sociedade. Só os punhados de bravos, em luta direta contra o Estado, poderiam mudar algo.**

os homens das novas profissões (publicitários, programadores de computador, cientistas), só por serem num dado momento parte do sistema, não pudessem, noutro momento, voltar-se contra ele.

Jogada na lata de lixo da História a maioria da população urbana, escolhida a massa espoliada há 400 anos como a única repositória das virtudes políticas e dos anseios de transformação e, pior ainda, concebida essa massa de oposição potencial como isolada do resto da sociedade e incapaz de agir por si mesma, o resultado não poderia ser outro: além da visão de uma economia estagnada, uma sociedade imóvel, as oposições juntam ao Pantheon dos mitos a ideia da apatia política da sociedade brasileira. Só restariam os punhados de bravos que, em luta técnica e quase direta com o Estado, poderiam mudar algo no país.

Pareceria ser mais correto, em vez de postular a apatia dos setores da população que mais podem mover-se politicamente e de sustentar o exemplarismo da ação de poucos que simbolicamente falam pelos setores não pervertidos da sociedade brasileira, sacudir o beatismo dessa concepção política e, vendo os fatos, perguntar *o que move* politicamente a sociedade. Só diante de opções viáveis, e posta frente a elas, a massa pode deixar de ser o que num *dado momento* é, massa apática, para transformar-se no oposto: em massa reivindicante.

O importante é abandonar o mito da inviabilidade da participação política nas condições brasileiras e procurar definir, ao contrário, em que condições pode dar-se essa participação. O importante, por fim, menos do que radicalizar verbalmente e tomar uísque à noite diante do peso morto das condições adversas, é procurar colocar concretamente opções e criar forças que permitam uma transformação.

[...] Então será a vez e a hora de a oposição pensar em transformar seus programas em políticas. Quando o mito do desenvolvimentismo eterno passar a chocar-se com os fatos da vida (é questão de tempo e de ciclo), aí sim, quem sabe, se as oposições não estiverem colhidas nas malhas da visão oposta à de 68-69 e terminem por acreditar, similar e equivocadamente que, afinal, no capitalismo tudo dá certo, abrir-se-á uma nova conjuntura política.

Quem sabe, então, a sociedade civil e suas organizações (se elas tiverem sido criadas) possam aproveitar a nova chance histórica para substituir a forma de Estado burocrático-tecnocrático que assegura o estilo atual do desenvolvimento capitalista.

**Há que ver os fatos e perguntar o que move a sociedade. Só diante de opções viáveis a massa apática pode transformar-se no oposto: em massa reivindicante.**

## O intelectual Fernando Henrique Cardoso, filho e neto de generais, fala de militares, de estudantes, do futuro político do país

[Entrevista a Jorge Cunha Lima, *Status*, fevereiro de 1978]

Ser intelectual é ser capaz de problematizar. Se você não tem problemas não é intelectual. Nossa questão é saber qual é o problema do Brasil. A força de um intelectual não é ele ser capaz de citar tal autor. É fazer as perguntas pertinentes, filtrando a sua experiência cultural diante de uma realidade que o desafia.

**Ser intelectual é problematizar. O mundo mudou. Estamos marchando para o século XXI e não temos teoria para isso.**

No Brasil, embora haja a Amazônia e os boias-frias, há uma classe média, que é como se você estivesse em Paris. Movimento feminista, comunicação visual muito rápida. Para decifrar o enigma político brasileiro, você tem de juntar reivindicações, que são da classe média, com as que são da classe operária, misturando-as com ecologia, modernidade etc.

Aqui, em 68, havia o ideal da revolução rápida e por via militar. O golpe forte. A ideia de quebrar e instaurar o mundo novo. Lá, não havia isso em nível político, mas em nível existencial. E você continua sem teoria para esses problemas. Nós ainda estamos usando as teorias do século XIX. Tudo o que se generaliza perde a força. Hoje, na universidade, nos setores de ciências humanas, quase todos são marxistas, mas não sabem o que falam.

Marx falava de uma realidade muito viva, a perspectiva da transformação por meio da classe operária. Tinha o exemplo da Comuna de Paris, da revolução de 1848, a expectativa da crise mundial e o Estado que não entrava na jogada. Hoje, nos setores intelectuais, as pessoas continuam excitadas com as mesmas ideias e o mundo não é mais esse. Não é que não haja

mais revoluções, transformações. Mas nós já não estamos no século XIX. Estamos marchando para o XXI e não temos teoria para isso.

## Democracia hoje

[*Plural*, outubro-dezembro de 1978]

— *Qual seria o papel do intelectual na formulação de um projeto político?*

— Se você é realmente um intelectual, e não um intelectualoide, você sabe a sua limitação. O intelectualóide pensa que resolve, pensa que o problema é do intelectual, que ele sabe como fazer um programa. Eu acho que o programa não é uma questão mental, o programa é uma questão da vida, é uma questão real.

O que o intelectual, e não o intelectualoide, pode fazer é ajudar a explicitar o que já está em marcha na vida, sem ter pretensões de estar liderando. Pode articular, colocar questões. Até por obrigação devem saber formular mais claramente os impasses, as opções ou visões do futuro. Mas sem ter a pretensão de ser um profeta, um utópico — no mau sentido.

No bom sentido acho que é preciso dar uma imagem diferente do que é para ser feito. Mas essa imagem tem de estar enraizada num movimento do real. Tem de ouvir e ver mais do

**O intelectual coloca questões, formula opções, visões do futuro. Mas essa imagem precisa estar enraizada no real.**

que falar. É difícil, porque o intelectual fala muito. Mas, em todo caso, a atitude deve ser de cuidado. Fale o que você está vendo e ouvindo. Preste atenção. Acho que esse é que deve ser o nosso papel, e não o de um líder, no sentido antigo, de *condottiere*.

Outra coisa importante: a passagem do social para o político. No social você reivindica, sabe onde o calo aperta. Mas são muitos calos na sociedade: a classe média diferenciada, os trabalhadores do campo e da cidade, o empresário. Cada um tem diferentes problemas. Para o trabalhador da cidade é o problema da condução direta e aumento do salário. O outro nem tem emprego, não pode negociar diretamente porque não tem força para negociar com o patrão.

A passagem do social para o político é se juntar isso. E se existe junção disso, ela se dá no Estado. O Estado é que é a fivela, o cinto que amarra tudo. Isso está assim porque tem uma ordem estatal que está amarrando as classes dessa maneira. Se quer melhorar aqui, tem de mexer lá em cima também.

São os partidos, é a ideologia, é o setor político. Não estou de acordo com certa perspectiva que ainda diz: o importante é a base da sociedade. É a base da sociedade, mas ela sente cada pedrada lá em baixo, em cima do seu calo. Você tem de passar disso para o nível do político, que é quando junta isto tudo e se formam as alianças, os grupos de força. Isso é política.

O intelectual, quando está inserido na política, ajuda a costurar esse tipo de armação. Essa é sua função, didática, sem pretender liderar no sentido profético. Se liderar será por suas qualidades políticas, e não por suas qualidades de intelectual, por sua capacidade de convencer, de unir.